

ABORDAGEM SOBRE O USO IRRACIONAL DE BENZODIAZEPÍNICOS NO BRASIL¹

Tatiane Sinara Matte², Marilei Uecker Pletsch³.

¹ Estudo realizado na disciplina de Estágio VI: Farmácias e Drogarias, do Departamento de Ciências da Vida, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

² Acadêmica de Farmácia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/Unijuí.
tati_matte@hotmail.com

³ Professora do Departamento de Ciências da Vida/DCVida da Unijuí. marileiu@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO - A ansiedade é um estado desagradável de tensão, apreensão e inquietação – um medo de origens às vezes desconhecida. Os transtornos mentais envolvendo ansiedade são os mais comuns. Os sintomas físicos da ansiedade grave são similares aos do medo (como taquicardia, sudoração, tremores e palpitações) e envolvem a ativação simpática. Episódios de ansiedade leve são experiências comuns na vida e não justificam tratamento. Contudo, os sintomas de ansiedade intensa, crônica e debilitante podem ser tratados com fármacos ansiolíticos (ou tranquilizantes menores) ou ainda, com alguma forma de tratamento comportamental ou psíquica. Como muitos fármacos ansiolíticos causam alguma sedação, eles, com frequência, funcionam como ansiolíticos quanto hipnóticos (indutores do sono) (CLARK, 2013).

Os benzodiazepínicos são os hipnóticos mais utilizados, tendo substituído os barbitúricos como agentes de primeira escolha porque apresentam maior índice terapêutico e menor potencial para dependência física. Caracteristicamente, diminuem a latência do sono e a frequência com que a pessoa acorda durante a noite, aumentando a duração do sono total (FUCHS, WANMACHER, 2012).

Embora as recomendações para o uso de benzodiazepínicos com prescrição sugerem que a duração se limite a algumas semanas, é conhecido o uso desses medicamentos por meses, anos, ou até décadas, mesmo que as evidências demonstrem que seus benefícios podem diminuir com o tempo, enquanto o potencial para efeitos adversos permanece (AUTHIER et al.).

O uso prolongado de benzodiazepínicos, ultrapassando períodos de 4 a 6 semanas pode levar ao desenvolvimento de tolerância, abstinência e dependência (CLARK, 2013). O fato de haver abusos no uso de medicamentos, como exemplo os benzodiazepínicos, é um assunto importante que está sendo objeto de análise e discussão em saúde pública. De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o percentual de internações hospitalares provocadas por reações adversas a medicamentos ultrapassa 10%. Para isto, existe a Política de Medicamentos do Ministério da Saúde, que procura conscientizar a população brasileira sobre a utilização racional desses produtos.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Deste modo, o objetivo desse artigo consiste em realizar uma revisão sistemática da literatura, analisando o contexto de disponibilidade e consumo de benzodiazepínicos no Brasil.

METODOLOGIA - A revisão sistemática da literatura do presente estudo foi baseada em pesquisas nas bases de dados on-line, como Scielo, Lilacs e Google Acadêmico, por meio dos termos “Benzodiazepínicos”, “Efeitos dos Benzodiazepínicos”, “Psicotrópicos”, “Uso irracional dos Benzodiazepínicos”. Também foram utilizados dados provenientes de livros especializados nesse assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - Os benzodiazepínicos são drogas que agem diretamente no Sistema Nervoso Central (SNC), alterando aspectos cognitivos e psicomotores. Eles são também denominados ansiolíticos, sedativo-hipnóticos e também “calmantes”. Seus efeitos terapêuticos principais são a sedação, a hipnose e o relaxamento muscular. São aplicados clinicamente em casos de ansiedade associada a condições cardiovasculares ou gastrointestinais, convulsões, distúrbios do sono, espasmos musculares involuntários, dependência de álcool e outras substâncias (TELLES FILHO et al., 2011).

Auchewski et al. (2004) afirma que os benzodiazepínicos estão entre as drogas mais prescritas no mundo, sendo utilizados principalmente como ansiolíticos e hipnóticos, mas também possuem ação miorrelaxante e anticonvulsivante. Estima-se também que o consumo dessa classe de medicamentos dobra a cada cinco anos, provavelmente pelo fato da humanidade não saber tolerar mais o estresse, pelo surgimento de novas drogas e também pela prescrição inadequada por parte dos médicos.

No Brasil, a distribuição gratuita desses medicamentos psicotrópicos pelos programas governamentais, é um fator que contribui para o uso indiscriminado dos mesmos. Alguns estudos relacionam também, que a maior prevalência do consumo de ansiolíticos se dá em trabalhadores que enfrentam longas jornadas de trabalho, o que contribui para a maior exposição ao estresse. Esse fato pode contribuir para um início prematuro no uso dessa medicação, o que consequentemente após alguns anos resulta no uso crônico, através da dependência da mesma (TELLES FILHO et al., 2011).

O segundo levantamento sobre o consumo de medicamentos psicotrópicos no Brasil, realizado em 2005, teve a participação de 7.939 indivíduos em 108 maiores cidades do país. Este estudo revelou que as mulheres acima de 35 anos são as maiores consumidoras de benzodiazepínicos, sendo que a região Sudeste é o local onde se encontra os maiores usuários, 524 (6,6%) indivíduos dos entrevistados da pesquisa, e dentro dessa quantidade 0,8% consideram-se dependentes destes fármacos (CARLINI et al., 2005).

Pesquisas epidemiológicas indicam que os benzodiazepínicos estão entre os medicamentos mais prescritos na população de idosos, e que as mulheres utilizam-no duas vezes mais do que os homens. De fato, a maioria das prescrições de benzodiazepínicos é dirigida a mulheres e idosos com queixas de insônia ou queixas físicas crônicas (HUF, 2000).

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Há que se salientar também o consumo de psicotrópicos pelos estudantes, ou seja, a necessidade de informações sobre os níveis e padrões de autoconsumo na universidade de drogas psicotrópicas é urgente, pois uma das consequências do abuso de drogas entre os universitários é uma menor expectativa de vida para eles (ORTEGA PÉRES et al., 2011).

Silva et al. (2011), afirma que 17% de adolescentes dizem ingerir medicamentos sem receita médica, porque já possuíam experiência com algum medicamento. A “preguiça de ir ao médico” e a “dificuldade no atendimento do SUS” são fatores extremamente relevantes para a busca da automedicação.

Em relação à administração de benzodiazepínicos em crianças, este pode promover alterações cognitivas e sedação, resultando em prejuízos no aprendizado escolar (BRASIL, BELISÁRIO FILHO, 2000).

Na pesquisa realizada por Mengue et al. (2001), foram entrevistadas 5.564 gestantes em seis cidades brasileiras, onde 32 (0,6%) destas, relataram administrar benzodiazepínicos durante a gestação, porém, suspeita-se que estes fármacos quando empregados em longo período durante a gravidez, podem afetar o neonato devido ao seu potencial teratogênico neurocomportamental (PERES et al., 2002), além de promover sintomas de abstinência no recém-nascido (GARCIA; VIÑA; MACHADO, 2003).

O uso indevido de benzodiazepínicos envolve não somente os médicos que os prescrevem, como também os farmacêuticos que os dispensam. A falta de informação e a pouca percepção das consequências desse uso - pelos médicos, farmacêuticos e o usuário – juntamente com várias outras questões favorecem esse fenômeno. Dessa forma, é preciso não apenas controlar, mas informar médicos, farmacêuticos, enfermeiros e pacientes desta realidade, apontando para melhores formações e atualizações dos profissionais da área, como também de informações aos usuários e medidas de prevenção primária, que poderiam resultar em um grande impacto social com um baixo custo.

CONCLUSÕES - Baseado nas informações desse estudo percebe-se a necessidade de racionalização da venda de benzodiazepínicos no mercado. Significativamente, médicos e farmacêuticos contribuem para a diminuição do uso desses medicamentos, através da orientação sobre as consequências do uso indevido dos mesmos.

É preciso ressaltar, a necessidade de uma política pública que defina estratégias de promoção à saúde, no sentido de ajudar a prevenir a automedicação, a qual contribui no aumento de riscos à saúde dos usuários.

PALAVRAS-CHAVE - Efeitos; Psicotrópicos; Uso inadequado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -

AUCHEWSKI, L. et al. Avaliação da orientação médica sobre os efeitos colaterais de benzodiazepínicos. Revista Brasileira de Psiquiatria. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 24-31, mar. 2004.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462004000100008&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 03 de maio de 2014.

AUTHIER N, BALAYSSAC D, SAUTEREAU M, ZANGARELLI A, COURTY P, SOMOGYI AA, VENNAT B, LIORCA PM. et al. Benzodiazepine dependence: focus on withdrawal syndrome. *Ann Pharm Fr.* 2009; 67 (6): 408-13.

BRASIL, H. H. A.; BELISÁRIO FILHO, J. F. Psicofarmacoterapia. *Revista Brasileira de psiquiatria*, São Paulo, v. 22, n. 2, 2000.

CARLINI, E. A., et al. II levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país, 2001. São Paulo: Cebrid, 2005.

CLARK, M. A. [et al]. *Farmacologia Ilustrada*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FUCHS F, WANMACHER L. *Farmacologia clínica: fundamentos da terapêutica racional*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

GARCÍA, A. F.; VIÑA, A. G.; MACHADO, M. de los A. P. Bases científicas para el uso de las benzodiazepinas. *Revista Cubana de Medicina General Integral*, Ciudad de La Habana, v. 19, n. 1, 2003.

HUF, G. et al. O uso prolongado de benzodiazepínicos em mulheres de um centro de convivência para idosos. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 351-362, abr./jun. 2000. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2000000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 de maio de 2014.

MENGUE, Sotero S. et al. Uso de medicamentos por gestantes em seis cidades brasileiras. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 35, n. 5, 2001.

ORTEGA-PÉREZ, C. A. et al. Perfil epidemiológico de la drogadicción en estudiantes universitarios. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. Ribeirão Preto, v. 19, n. spe, p. 665-672, mai.-jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19nspe/02.pdf>. Acesso em: 02 maio 2014.

PERES, R. M. et al. Riscos para a saúde fetal associados com o uso de benzodiazepínicos na gestação: uma revisão. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 51, n. 3, p. 145-151, 2002.

SILVA, I. M. et al. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 16, supl1, p. 1651-1660, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232011000700101&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 de maio de 2014.

TELLES FILHO, P. C. P. et al. Utilização de benzodiazepínicos por idosos de uma estratégia de saúde da família; implicações para enfermagem. *Escola Anna Nery*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 581-586, jul./set. 2011. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452011000300020&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 de maio de 2014.



Câmpus Ijuí, Santa Rosa,
Panambi e Três Passos

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica